

**A ESCOLA DE AGRONOMIA E VETERINÁRIA
ELISEU MACIEL EM FOTOGRAFIAS:
ASPECTOS DA HISTÓRIA DE UMA
INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR***

**THE SCHOOL OF AGRONOMY AND
VETERINARY ELISEU MACIEL IN
PHOTOGRAPHS:
ASPECTS OF THE HISTORY OF AN HIGHER
EDUCATION INSTITUTION**

Maria Augusta Martiarena de Oliveira**

Giana Lange do Amaral***

Resumo: No âmbito da História da Educação, a pesquisa sobre história das instituições educacionais estabeleceu-se como um dos ramos em que existe maior produção historiográfica, ao mesmo tempo que ainda existe uma grande demanda de instituições a serem investigadas. A Escola de Agronomia e Veterinária Eliseu Maciel constitui-se em um estabelecimento educacional de renomada importância para a cidade de Pelotas (RS). A presente pesquisa analisa a história dessa instituição durante a Primeira República, utilizando-se de fotografias e textos divulgados na imprensa

local. O objetivo dessa investigação reside em evidenciar a estreita relação entre essa instituição e a elite econômica e social pelotense. Além disso, estudar em que estrutura e contexto histórico se dava o ensino agrônomo nas primeiras décadas do século XX.

Palavras-chave: História das instituições escolares. Ensino agrônomo. Fotografia.

Abstract: In the History of Education sphere, the research about educational institutions history established as one of the lines with more historiographical production, at the same time, still exist a big request to investigation. The School of Agronomy and Veterinary Eliseu Maciel is an important educational institution for the Pelotas city, RS. This research analyze the history of that institution during the First Republic, using photographs and texts publicize by the local press. The objective of this investigation is demonstrate the close relation between that institution and the social and economical elite of Pelotas city. Furthermore, studying in which structure and historical context occurred the agronomical education on the firsts decades of the XXth century.

Keywords: History of educational institutions. Agronomical education. Photograph.

Introdução

A Escola de Agronomia e Veterinária Eliseu Maciel foi, durante a Primeira República, uma das instituições de maior renome na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. Com base na observação dos relatórios intencionais (apresentados pelos intendentes anualmente no mês de setembro, como forma de prestação de contas à sociedade) torna-se possível perceber a centralidade do estabelecimento no que tange às preocupações governamentais. Logo, o objetivo deste estudo é analisar um período da história dessa instituição, com base em fontes escritas e iconográficas.

Para a realização deste trabalho, utilizou-se como fontes de pesquisa: as fotografias publicadas no Relatório Intendencial de 1914 e no periódico Almanach de Pelotas de 1913, 1915 e 1927; bem como os textos escritos dos mesmos impressos e do jornal Diário Popular. Ressalta-se que, como fontes escritas, utilizou-se, também, outros Relatórios Intencionais das décadas de 1910 e 1920.

Dessa forma, este estudo inicia-se apresentando uma contextualização histórica da fundação da Escola de Agronomia e Veterinária Eliseu Maciel, assim como dos obstáculos enfrentados pelo ensino agrônomo no mesmo período. Por fim, realiza-se a análise do conjunto de fotografias que representa a referida instituição, publicado durante a Primeira República.

A fundação da Escola de Agronomia e Veterinária Eliseu Maciel e as dificuldades do ensino agrônômico nas décadas finais do século XIX e nas primeiras décadas do século XX

De acordo com Osório (1998), a criação da Escola de Agronomia e Veterinária está ligada à família Antunes Maciel. Deve-se ter em conta que Eliseu Antunes Maciel morreu em 1881 e um de seus filhos, Leopoldo Antunes Maciel, era vereador na cidade e, em nome da família, solicitou à Câmara Municipal, no mesmo ano, um pedido de licença para a construção de uma escola municipal em memória de seu pai. Segundo Jantzen (1990), outro de seus filhos, Francisco Antunes Maciel, alcançou destaque político em âmbito nacional, afirmando-se como líder da maioria liberal do Gabinete Lafayette. Embora o prédio tenha sido concluído em 1883, as aulas não iniciaram pela completa falta de professores. Nesse mesmo ano, o prédio foi solicitado para abrigar os cursos superiores de Agronomia e Veterinária, o que foi concedido pela Câmara.

Contudo, a implementação de cursos superiores na área de agricultura no Brasil não foi uma tarefa fácil. De acordo com Capdeville (1991), no século XIX a atividade agrícola era considerada um ofício para o qual não era necessário treinamento. As iniciativas do governo imperial deveram-se, segundo o autor, à inspiração nos ideais iluministas, logo, o governo imperial propôs a criação de Escolas de Agronomia, sendo a primeira, a da Bahia e a segunda a de Pelotas. Porém, o desenvolvimento de um ensino superior agrícola no Brasil não se fez sem grandes dificuldades:

A escola da Bahia levou 17 anos para passar de ideal à realidade e, quando o fez, não foi sem tropeços. A primeira turma de formados, em 1880, foi de dez alunos, mas nos

cinco anos seguintes a média de formados foi de 4,5 por ano. Ao apagar das luzes do século XIX, a matrícula caiu praticamente para zero e, no início do século XX (1902), a escola foi fechada. (CAPDEVILLE, 1991, p. 231).

Com relação à Escola de Agronomia e Veterinária de Pelotas, a situação foi semelhante. Em 1885, o ministro da Agricultura transferiu os recursos das obras dessa instituição para a construção da Estação Agronômica de Campinas. Dessa forma, foi decretado o fechamento da instituição antes mesmo de sua inauguração. De acordo com Jantzen (1990), mesmo com os apelos da Câmara Municipal à corte e à Assembleia da Província, foi fixada a data para um leilão de todo o material que havia sido colocado na escola para a fabricação de vacinas, os animais etc. O Visconde da Graça (João Simões Lopes Filho, pai de Ildefonso Simões Lopes e Augusto Simões Lopes) promoveu, por ordem do Estado do Rio Grande do Sul, o leilão, o qual foi boicotado por parte de alguns cidadãos locais e não foi concluído.

De acordo com Pimentel (1940), em 1888, o estabelecimento de ensino iniciou as suas atividades, subsidiado pelo governo municipal, tendo a primeira turma de formandos em 1895. Em 1889 a Escola ganhou novo regulamento e novo nome, passando a denominar-se Liceu Rio-Grandense de Agronomia e Veterinária. No alvorecer do século XX, as considerações sobre a Escola não eram animadoras. No Relatório Intendencial de 1904, apresentado por José Barboza Gonçalves (p. 13): “O curso d’este estabelecimento de instrução superior continúa funcionando com regularidade, sendo, entretanto, muito reduzido o numero de estudantes que o freqüentam.” De acordo com as informações apresentadas pelo intendente, havia apenas três alunos matriculados, dois no segundo

ano e um no terceiro. Foram suprimidas as cadeiras de agricultura, física, botânica, agrimensura e mecânica. E as palavras de Gonçalves, nesse relatório, continuam a demonstrar a preocupação com o futuro da instituição:

As constantes verbas despendidas, desde muitos anos, pelo governo do Estado e pelo Município, não tem sido correspondidas pelos resultados que eram esperados. Julgo de grande conveniência que esse instituto seja completamente reorganizado, eliminando-se, por falta de freqüência compensadora, o curso superior, que deve ser substituído por ensino primário completo e secundário com todo o desenvolvimento, facilitando a matrícula das aulas para as diversas classes sociais. (RELATÓRIO INTENDENCIAL DE 1904, p. 13).

Pode-se perceber que o intendente, no intento de não fechar as portas da Escola de Agronomia e Veterinária, como havia ocorrido com a instituição da Bahia, propõe a substituição do ensino superior, pelo primário e secundário. Esses níveis de ensino teriam mais procura e, segundo Gonçalves, o seu acesso seria ainda mais facilitado. O desinteresse no que tange à formação agrícola e a falta de estudantes para integrar os quadros da instituição eram ainda mais preocupantes pelo contexto financeiro. Em 1903, o balanço da instituição fechou com um déficit de 3:293\$871. Essa situação, entretanto, não era um problema específico da região. Capdeville (1991) afirma que o desempenho inicial dessas escolas e cursos foi, em geral, muito ruim, sendo que a metade dos cursos acabou sendo extinta antes de 1910, e o número de profissionais formados era pequeno. Segundo dados apresentados pelo autor, somente três dessas instituições funcionavam em 1910: o de Pelotas, o de Piracicaba-SP e o de Lavras-MG.

Como acima mencionado, para a manutenção do funcionamento da instituição, foi realizada a definição de uma comissão, a qual iria atuar na busca de soluções. A proposta de Gonçalves para a reorganização da instituição teve continuidade no governo seguinte, de Cypriano Corrêa Barcellos. Em seu Relatório de 1905-1906, o intendente afirma que nomeou uma comissão para tal fim, a qual foi formada por: José Cypriano Nunes Vieira, Joaquim da Costa Leite e Manuel Serafim Gomes de Freitas. Além disso, no mesmo relatório, o intendente apresentou os resultados e propostas desses estudiosos, os quais propuseram a reformulação do currículo, propondo-se a inclusão de um ano de ensino no campo de experiências. Além das considerações sobre o currículo, a proposta incluía, ainda, a criação dos exames de admissão, que constariam das mesmas matérias exigidas como preparatórios para matrícula. E criava, também, a possibilidade de que os alunos interessados em realizar apenas os cursos práticos recebessem um certificado de habilitação. Dessa forma, a comissão encontrou uma solução para manter o funcionamento do ensino superior agrícola no estabelecimento então denominado “Lyceu Rio-Grandense”.

Para solucionar o problema da receita, a comissão dedicou-se a encontrar fontes de renda que possibilitassem a manutenção da Escola de Agronomia e Veterinária sem depender das subvenções. Ao serem realizadas as alterações propostas, a matrícula subiu de três para seis alunos, sendo que cinco cursavam o primeiro ano e um, o segundo. Além disso, houve uma significativa mudança no que tange à receita, pois, ao contrário do ano de 1903, em que o estabelecimento de ensino fechou com um déficit, em 1906, a instituição tem saldos positivos, de 2:797\$539, no 2º semestre, e 7:220\$849, no 1º. Aparentemente a reforma institucional da Escola

de Agronomia e Veterinária antecedeu o Decreto 8.319, de 20 de outubro de 1910, no qual, de acordo com Nagle (2001), foi criado o ensino agrônomico e aprovado seu regulamento, o qual constava de 591 artigos.

Em 1909, José Cypriano Nunes Vieira exonerou-se do cargo de diretor, o qual foi assumido por Manoel Luis Osório. Nesse ano, a matrícula havia sofrido um incremento ainda maior, pois se achavam matriculados vinte e dois alunos. Em 1910, durante a direção de Manoel Luis Osório, o nome do Liceu foi mudado para Escola de Agronomia e Veterinária, e o curso foi modificado. De acordo com Jantzen (1990): “[...] todas essas modificações, narradas de forma sumária nos textos sobre a Escola, mostram, apesar de tudo, que o curso e o estabelecimento eram reconhecidos também na sua dimensão política.” (JANTZEN, 1990, p. 72). Dessa forma, o autor demonstra a relevância que a instituição, depois de passar por todas as dificuldades encontradas e efetivar o seu estabelecimento, tornou-se uma importante arma na disputa política em âmbito municipal.

A partir do Relatório Intendencial de 1910, apresentado por José Barboza Gonçalves, no qual se publicou o novo Regulamento da instituição, as preocupações com o futuro da instituição desaparecem, pois se apresentam dados como o crescimento dos saldos e das matrículas. Contudo, embora a instituição tenha apresentado um crescimento em relação aos seus anos iniciais de funcionamento, especialmente no século XIX e primeira década do século XX, o número de matriculados ainda é relativamente restrito. Porém, deve-se ter em conta que o ensino superior atendia quase que exclusivamente às elites durante a Primeira República, logo, o número de matrículas raramente seria expressivo se comparado aos dias atuais.

Embora as informações sobre a Escola de Agronomia e Veterinária parecessem mais animadoras, conforme Nagle (2001), o en-

sino agrônômico recebeu pouco estímulo oficial na Primeira República. Segundo o autor, esse período apresenta uma contradição, pois ao mesmo tempo em que ocorria a valorização das características agrícolas do país, ao considerar-se o Brasil um país eminentemente agrícola, ocorria um desestímulo do ensino agrônômico. Esse desestímulo pode ser percebido na leitura dos Relatórios Intendenciais, nos quais se verifica que as subvenções e doações são oriundas de particulares, da Sociedade Brasileira para Animação da Agricultura, cuja sede era em Paris, da Sociedade Agrícola (Rio Grande do Sul) e do Município.

Durante o governo de Augusto Simões Lopes, a Escola foi dirigida por seu professor e ex-aluno Manoel Serafim Gomes de Freitas. Nesse período, o nome de Eliseu Maciel voltou a fazer parte da denominação da escola. Além disso, a instituição passou por uma nova remodelação, a qual, segundo o intendente visava possibilitar “[...] uma feição mais pratica, dando o logar que compete ao ensino experimental, ainda incipiente.” (RELATÓRIO INTENDENCIAL, 1925, p. 40). Mais tarde, durante o governo de Py Crespo, esse intendente buscou, por meio da bancada gaúcha liderada por Ildenfonso Simões Lopes (que já havia sido ministro da Agricultura), “[...] o aumento da verba de 20 contos, como que o Governo Federal, subsidia a Escola Eliseu Maciel.” (DIÁRIO PopAular, 23 de junho de 1929). Essa mesma matéria assegurava que:

O sr. dr. Py Crespo já obteve do benemérito Governo do Estado a majoração do auxilio que este prestava ao mesmo instituto de ensino superior.

O aumento das duas verbas atinge a 60 contos, que, adicionados, as existentes, prefazem a importância de 100 contos.

O sr. dr. João Py Crespo, dando cumprimento ao seu programma administrativo, cooperará para que a

Escola Elyseu Maciel entre em uma fase de maior desenvolvimento. (DIÁRIO POPULAR, 23 de junho de 1929).

Ressalta-se que essa matéria demonstra a importância que a instituição continuava tendo no fim da década de 1920 para a municipalidade. Pode-se dizer que os já mencionados esforços da elite, transformaram a Escola de Agronomia em um símbolo do desenvolvimento educacional na cidade. Além disso, mesmo com o espaço restrito ao ensino agrônomico, o Rio Grande do Sul configurava-se, na Primeira República, como um estado eminentemente agrícola, especialmente a metade sul. Sendo assim, a profissão de agrônomo era valorizada pela elite local, vinculada, em sua maior parte, à agropecuária.

As imagens da Escola de Agronomia e Veterinária

De acordo com Freund (2008, p. 96): “Con la fotografía, se abre una ventana al mundo”. Ainda segundo a autora:

La mecanización de la reproducción, el invento de la placa seca al gelatino-bromuro que permite el uso de placas preparadas de antemano (1871), el perfeccionamiento de los objetivos (los primeros anastigmáticos se construyeron en 1884), la película en rollos (1884), el perfeccionamiento de la transmisión de una imagen por telegrafía (1872) y más tarde por belinografía, abrieron el camino a la fotografía de prensa. (FREUND, 2008, p. 95).

Com todo o desenvolvimento tecnológico que possibilitou a utilização de fotografias pela imprensa, bem como por outros

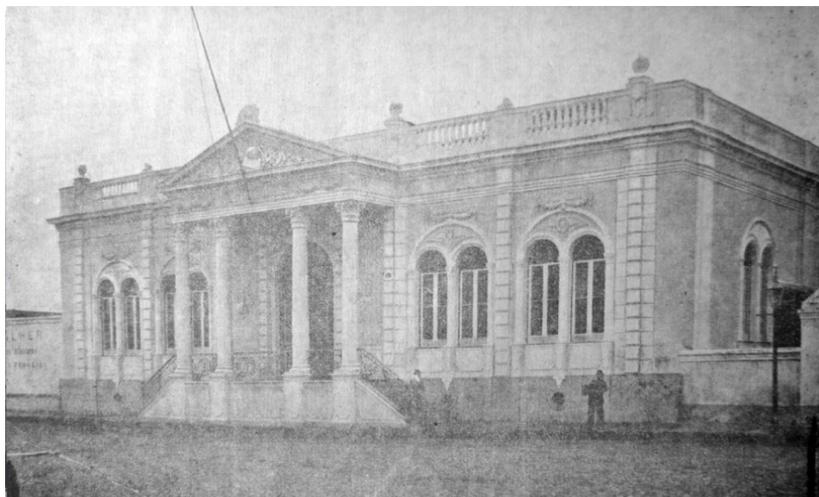
documentos que objetivavam confirmar com imagens aquilo que apresentava na escrita, a fotografia tornou-se importante ferramenta. O Relatório Intendencial de 1914, apresentando por Cypriano Corrêa Barcellos, foi o primeiro a dedicar espaço em suas páginas para fotografias. Doze foram as imagens ali apresentadas, as quais constavam na seguinte ordem: Intendencia Municipal, Salão principal da intendência municipal onde funciona o conselho, Trecho da Rua 15 de novembro, Trecho da Rua Marechal Floriano, Escola de Agronomia e Veterinária, Chafariz no centro dos jardins da Praça da República, Vista dos Jardins da Praça da República, Forno de incineração, Hospital da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, O antigo Mercado, Um trecho do novo mercado frente leste, O novo mercado frente oeste.

Uma vez mais, salienta-se que fotografia é escolha, é seleção. Dessa forma, Pode-se perceber que as fotografias selecionadas são aquelas que representam o que a Intendência tinha de melhor para mostrar. A seleção de Cypriano Barcellos também apresenta a que o intendente pretendia dedicar a sua gestão. Deve-se ter em conta, como já mencionado anteriormente, que o governo de Barcellos caracterizou-se por promover a urbanização de Pelotas, o que explica a reprodução de fotografias de espaços urbanos. Além disso, deve-se ter em conta que a única instituição educacional representada no Relatório de 1914 foi a Escola de Agronomia e Veterinária.

Outro ponto que deve ser salientado é o fato de que a fotografia que consta no Relatório Intendencial de 1914 é a mesma que fora publicada no Almanach de Pelotas de 1913, bem como no de 1915. Percebe-se que todas as vezes em que a imagem da Escola de Agronomia e Veterinária foi publicada na década de 1910,

utilizou-se a mesma imagem. Tal prática pode ser decorrente dos custos para a produção de uma imagem, bem como pode ser um demonstrativo da relação político-partidária entre a direção do Almanach de Pelotas e a Intendência, ambos do PRR. Além disso, deve-se ressaltar que no decorrer deste capítulo constará a análise de apenas uma fotografia de fachada do prédio, para que não fique repetitivo. As outras imagens constam no anexo I, pois as únicas diferenças existentes entre a imagem publicada na década de 1910 e as publicadas nas décadas de 1920 e 1930 são o ângulo da fotografia e a presença da calçada ornamentada com pedras portuguesas que ficava entre a Escola e o Mercado (com relação à imagem publicada na década de 1930); e a presença de um carro e de uma pequena construção em madeira¹, ao lado da fachada lateral (na fotografia da década de 1920).

Figura 1 – “Escola de Agronomia e Veterinária”



Fonte: Almanach de Pelotas de 1915.

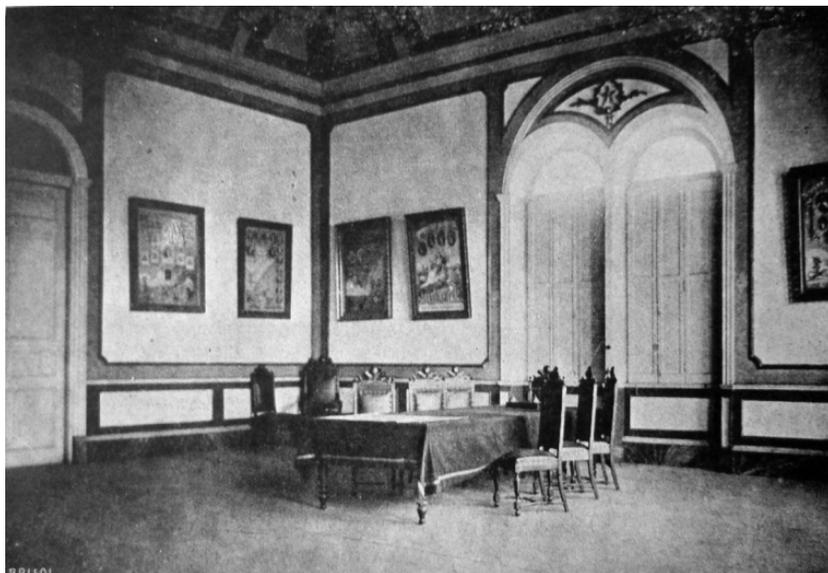
A imagem acima (figura 1) apresenta a fachada principal do prédio da Escola de Agronomia e Veterinária². Em primeiro lugar, ao representar o prédio, não se pode falar em uma modernidade republicana, pois, de acordo com Jantzen (1990), a construção foi oferecida pela família Antunes Maciel e ficou pronta em 1883, seguindo os padrões do ecletismo neoclássico da época. Essa escola arquitetônica, embora tenha sido extremamente difundida entre os Grupos Escolares em âmbito nacional, emergiu durante o século XIX. De acordo com Pedone (2002), o ecletismo surgiu no contexto da Revolução Industrial, inspirado pelo Iluminismo. Esse estilo arquitetônico teria atuado no sentido de buscar referências históricas para representar os novos tempos. Entretanto, a autora apresenta uma discussão existente entre teóricos da arquitetura que defendem que, ao contrário da proposta inovadora que se pressupõe relacionada ao ecletismo, existia uma fuga do presente, pela busca do passado. Sendo assim, existem diferentes correntes sobre o fato de o ecletismo representar o pensamento progressista ou um retorno tradicional ao passado. Para Santos (2007), entre 1870 e 1930 difundiu-se em Pelotas a escola do ecletismo historicista.

Dentre as características do estilo eclético que podem ser percebidas na fachada principal do prédio seu porão baixo, platibanda vazada balaustrada, bem como o frontão ornamentado e a escadaria que leva à porta de entrada. Além disso, quatro colunas com capitéis compostos³, dispostas duas a duas, ladeiam a porta principal. Pode-se perceber, ainda, que a construção possui proporções simétricas, com quatro janelas, dispostas em dupla, assim como as colunatas, tendo a porta de entrada em espaço central. Pode-se supor, também, que a presença da imagem não tivesse a

intenção apenas de representar o prédio escolar, mas a instituição como um todo. Uma vez mais, a representação de modernidade demonstra-se dúbia, pois a instituição foi criada no século XIX. Além disso, embora a Intendência Municipal e a Sociedade Agrícola Rio-Grandense estivessem dedicando esforços para a manutenção do ensino agrônômico, no Brasil, como já mencionado anteriormente, esse vivenciava um período de desestímulo pelo governo federal. Entretanto, a instituição representou os esforços da municipalidade e da elite agrícola pelotense em mantê-la. Provavelmente decorrente desses esforços, a instituição tornou-se o centro das preocupações da municipalidade, no que tange à educação, durante a década de 1910.

Na edição de 1927, o Almanach de Pelotas publicou um grupo de sete fotografias que retratava a Escola de Agronomia “Eli-seu Maciel”. Pode-se dizer que esse não foi o primeiro grupo de imagens que o periódico dedicou a uma instituição, pois, como foi tratado no capítulo V e neste capítulo deste estudo, em 1922, foram publicados grupos de imagens do Asylo N. Sra. da Conceição, do Gymnasio Gonzaga e do Colégio São José. No que tange ao grupo de fotografias da Escola de Agronomia, elas foram publicadas na seguinte ordem: fachada principal, Salão de Honra, “Gabinete de Physica ‘Dr. Arthur Brusque’”, “Gabinete ‘Dr. F. R. de Araujo’ – Zootechnia e Botanica”, Gabinete de Engenharia Rural, “Sala de Chimica”, “Gabinete de Chimica”. Esse grupo de imagens foi produzido pelo estúdio Brisol. Com relação às imagens, pode-se dizer que, primeiramente, a fotografia da fachada principal se refere ao subtítulo anterior e não cabe a realização de sua análise neste subtítulo.

Figura 2 – “Escola de Agronomia ‘Eliseu Maciel’ – Salão de Honra”



Fonte: Almanach de Pelotas de 1927.

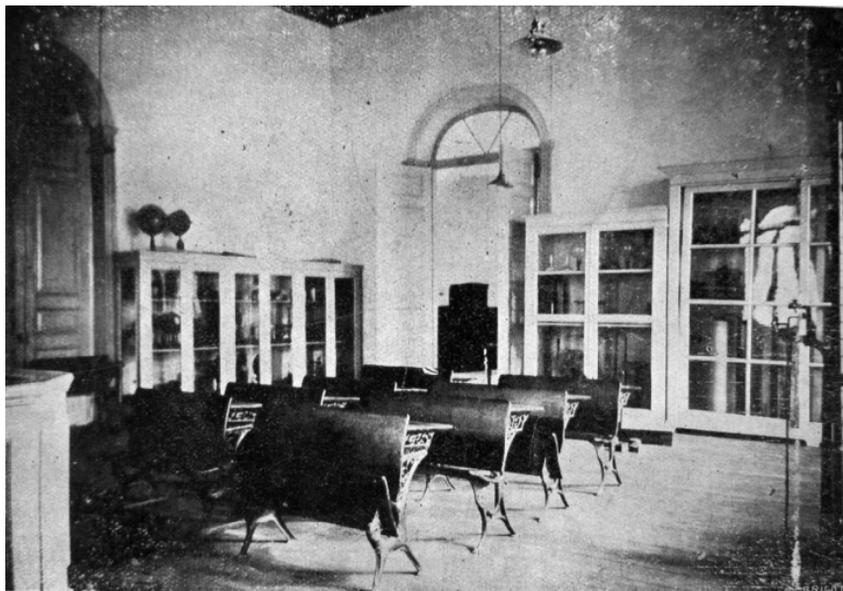
A primeira fotografia dedicada às partes internas do prédio refere-se ao Salão de Honra (figura 2). Tendo em vista o formato e os ornamentos encontrados na janela, percebe-se que essa sala é uma das peças da parte da frente da construção, o que é algo deveras costumeiro, ao levar-se em conta o papel dos salões de honra no espaço institucional. Entre os elementos que constam nessa sala, percebe-se que a janela estava dividida em duas partes, sobre as quais constavam arcos. Acima desses dois arcos, formava-se um terceiro maior, o qual se colocava sobre os dois anteriores. No centro desse terceiro arco, consta a figura da estrela de cinco pontas. Além das janelas, as paredes e o teto também são ornamentados com estuques. Esses elementos decorativos não estão presentes nas outras salas retratadas pelo Almanach de Pelotas de 1927. Dessa forma, essa se constituiu em uma sala, em que eram realizados en-

contros, solenidades em geral e, especialmente de colação de grau, logo deveria ser um dos espaços mais nobres do prédio. A utilização da sala para colação de grau pode ser confirmada pela matéria do jornal *Diário Popular* de 12 de dezembro de 1914:

Quando entraram os graduandos de 1914, acompanhados do paramnympho da turma, houve sensível movimento de ansiedade na multidão que ali se premia e em breve, no salão de honra, em roda da mesa destinada á congregação, o dr. Manuel Luis Osório, director, abria a sessão respectiva, declarando-lhe o objecto.

Além dos elementos arquitetônicos, a sala conta com uma mesa, a qual está em primeiro plano na imagem, coberta por uma toalha de cor escura, decorada com uma listra, localizada há alguns centímetros de sua terminação e que se estende por todo o comprimento da toalha. A referida mesa era utilizada provavelmente para solenidades, como se pode perceber na mesma matéria do jornal *Diário Popular*: “Em torno a mesa tomaram assento o dr. intendente, o director, os lentes e convidados, vendo-se á esquerda, reunidos tendo ao meio o paranympfo, os graduandos.” (DIÁRIO POPULAR, 12 de dezembro de 1914). A fotografia foi realizada de um ângulo oblíquo, possibilitando a ideia de profundidade e representando um dos cantos da sala. Além disso, a mesa retangular é ladeada por três cadeiras de cada lado e uma na cabeceira, que fica no sentido oposto ao que foi escolhido pelo fotógrafo. Além disso, afastadas da mesa, foram dispostas duas cadeiras em sentido oblíquo à parede de que estão próximas. Pode-se observar, ainda, uma parte da porta à esquerda, bem como cinco quadros de formatura que ornamentam a sala.

Figura 3 – “Escola de Agronomia ‘Eliseu Maciel’ – Gabinete de Physica ‘Dr. Arthur Brusque’”



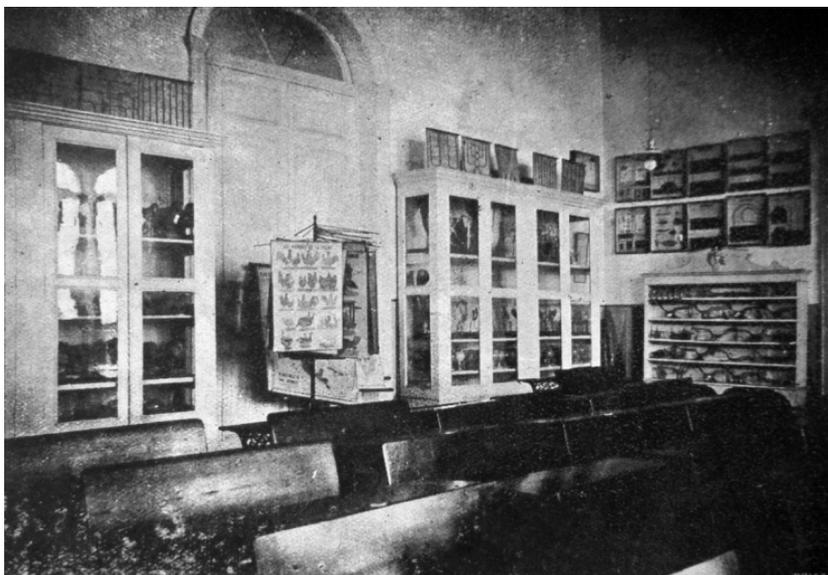
Fonte: Almanach de Pelotas de 1927.

Na figura 3, de legenda “Gabinete de Physica ‘Dr. Arthur Brusque’”, pode-se perceber uma série de elementos dos quais se constituía o mobiliário escolar. Primeiramente, ressalta-se que a referida sala leva o nome de Arthur Brusque, que foi professor da disciplina de Física, nessa instituição e, segundo o Relatório Intendencial de 1905, reassumiu às suas funções como professor dessa disciplina naquele ano. Com relação à sala, segundo o Relatório de 1914, a Escola passou por uma remodelação de seus gabinetes, “principalmente o de physica, que possuía instrumental deficiente e imprestável [...]” (RELATÓRIO INTENDENCIAL DE 1914, p. 34). No ano seguinte constam mais aquisições realizadas para o referido gabinete, fornecidos pela casa Kohl de Chemnitz. De certa forma, o gabinete de física era considerado uma parte relevante da insti-

tuição, passível de ter espaço entre as fotografias da instituição no Almanach de Pelotas e de ser mencionado em matéria no jornal Diário Popular:

Para o ensino da physica possui a Escola um gabinete com os aparelhos indispensáveis para o estudo da gravidade, hydrostativa, gases, electricidade, magnetismo, acústica, óptica, noções astronômicas e climatericas. (DIÁRIO POPULAR, 12 de dezembro de 1914).

Figura 4 – “Escola de Agornomia ‘Eliseu Maciel’ – Gabinete ‘Dr. F. R. de Araujo’ – Zootechnia e Botanica”

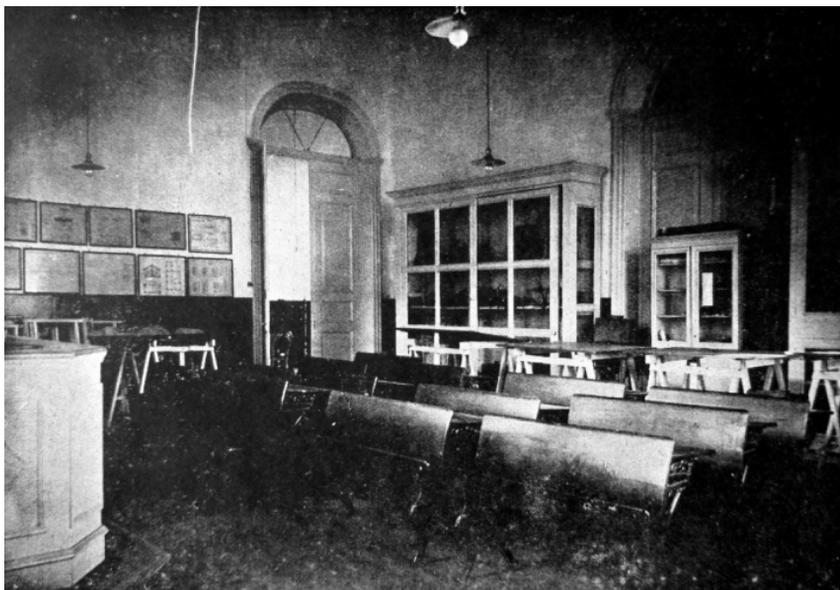


Fonte: Almanach de Pelotas de 1927.

Na fotografia cuja legenda era “Gabinete ‘Dr. F. R. de Araujo’ – Zootechnia e Botanica” (figura 4), pode-se perceber a presença, assim como na imagem anterior, de carteiras e armários. A sala retratada conta com uma porta, na frente da qual estavam pendurados em um tripé vários pôsteres que identificavam animais

e plantas. Além disso, sobre os armários também podem ser percebidas várias coleções botânicas enquadradas. Pode-se perceber, ainda, que todos os armários estão com suas prateleiras ocupadas.

Figura 5 – “Escola de Agornomia ‘Eliseu Maciel’ – Gabinete de Engenharia Rural”



Fonte: Almanach de Pelotas de 1927.

Assim como as imagens anteriores, a figura 5, referente ao Gabinete de Engenharia Rural, apresenta as mesmas características: carteiras, armários e, nesta imagem especificamente, pode-se ver um pouco mais detalhadamente a mesa do professor. Essa mesa, em cor clara, possui detalhes em alto relevo. A sala apresenta duas portas, no entanto uma estava coberta por um armário. A outra porta encontrava-se aberta, tendo, na sua parede lateral, uma série de estudos enquadrados. A sala possui três lâmpadas iguais às encontradas nas salas previamente retratadas.

Figura 6 – “Escola de Agornomia ‘Eliseu Maciel’ – Sala de Chimica”

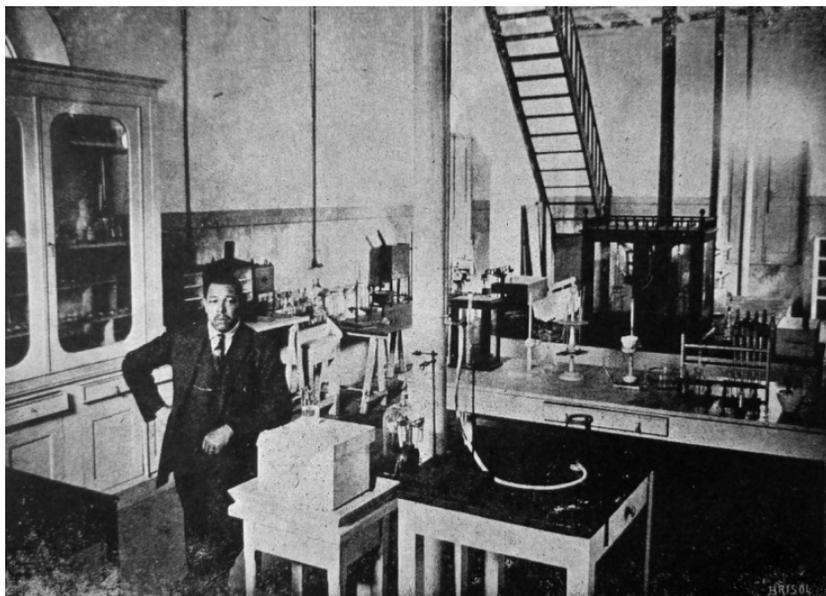


Fonte: Almanach de Pelotas de 1927.

Com relação à fotografia da “Sala de Chimica” (figura 6)⁴, pode-se dizer que, como mencionado anteriormente, uma das medidas para manter o funcionamento dessa instituição foi solicitar ao Governo Federal que todas as análises que anteriormente eram realizadas nas alfândegas de Rio Grande e Pelotas. Ressalta-se, ainda, que as análises realizadas no laboratório de química eram tão relevantes para a instituição que constavam nos Relatórios Intendenciais. No laboratório, era realizada uma gama variada de análises. Além disso, deve-se mencionar que Manoel Serafim Gomes de Freitas, o qual foi um dos integrantes da comissão que procedeu o desenvolvimento de um projeto de reformulação da instituição, era professor da cadeira de “Chimica mineral, orgânica e analytica”, bem como diretor do Laboratório de Análises. Além disso, Manoel Serafim Gomes de Freitas, além de graduado

em 1904 pelo Lyceu, foi diretor dessa instituição durante a década de 1920. Ainda com relação à citação anterior, pode-se dizer que, embora as subvenções do Estado e do Município fossem mais relevantes do que os lucros obtidos com as análises laboratoriais (respectivamente em 1910 20:000\$000 e 5:000\$000), o valor dessas era superior ao saldo obtido com as taxas de matrícula e certidões (naquele ano, o valor dessas consistiu em 62\$021).

Figura 7 – “Escola de Agornomia ‘Eliseu Maciel’ – Gabinete de Chimica”



Fonte: Almanach de Pelotas de 1927.

Em complementação à “Sala de Chimica” encontra-se o “Gabinete de Chimica” (figura 7). Essa fotografia, aparentemente realizada de um ângulo superior, apresenta, além do mobiliário, uma pessoa. Embora essa figura esteja presente na imagem, a legenda aponta como tema principal a estrutura física ali retratada. Pode-

-se perceber que o espaço do gabinete era mais restrito e contava com um grande número de mesas, sobre as quais estavam dispostos vários instrumentos para a efetiva prática do estudo da Química. Tendo em vista as duas imagens acima citadas, pode-se perceber que a sala e o gabinete de “Chimica” se complementavam, pois, enquanto nesse havia mais instrumentos de análise, naquele estavam armazenados os reagentes a serem utilizados.

Considerações finais

Conforme tudo o que foi apresentado anteriormente, pode-se dizer que a Escola de Agronomia e Veterinária foi uma instituição relevante na história da educação de Pelotas por representar intensamente o desejo da elite em demonstrar a manutenção de seu *status* e a do ideário de que Pelotas era uma cidade moderna e atualizada. Pode-se perceber que o ensino agrônômico vivenciou anos difíceis durante os primeiros anos de existência da República, no entanto, a partir de iniciativas particulares e do Município, a instituição manteve o seu funcionamento ininterrupto durante aqueles anos, enquanto outras que também se dedicavam ao ensino de agronomia fecharam as suas portas. Deve-se ressaltar, ainda, o papel do Estado e da Sociedade Agrícola do Rio Grande do Sul, os quais participaram desse processo de manutenção da instituição, notadamente por meio de subvenções (o valor que o estado do Rio Grande do Sul disponibilizava era maior do que o do município).

Nas páginas dos jornais e dos relatórios, a Escola de Agronomia é costumeiramente exaltada e a situação de dificuldade era sequer mencionada, com exceção do Relatório de 1905, no qual se

propôs à criação de uma comissão para a reestruturação da escola e cogitou-se o fechamento do ensino superior. Contudo, após a reestruturação, a instável situação do ensino agrônômico em esfera nacional e que lançava respingos na instituição pelotense, não foi novamente mencionada.

Ressalta-se que o conjunto de imagens pretendia demonstrar a atualidade e qualidade dos instrumentos e as condições das salas de aula e dos laboratórios. Como mencionado anteriormente, esse estabelecimento de ensino, em especial, representa bem o contexto da cidade de Pelotas e, mais especificamente, de sua elite, o que justifica o seu esforço em manter a instituição que formava os seus quadros para atuar na agropecuária, importante atividade da economia municipal e da região sul do estado do Rio Grande do Sul. O desvelo para manter esse estabelecimento representa o empenho da própria elite em sustentar o seu papel social, o seu *status*.

Referências

CAPDEVILLE, Guy. **O ensino superior agrícola no Brasil**. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa – Imprensa Universitária, 1991.

FREUND, Gisèle. **La fotografia como documento social**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL, 2008.

JANTZEN, Sylvio Arnaldo Dick. **A ilustre Pelotense: tradição e modernidade em conflito**. Um estudo histórico da Universidade Federal de Pelotas e suas tentativas de racionalização. 1990. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

OSÓRIO, Fernando. **A Cidade de Pelotas**. Volume 2, 3.^a edição, revista. Organização e notas de Mario Osório Magalhães. Pelotas: Armazém Literário, 1998.

PEDONE, Jaqueline Viel Caberlon. **O espírito eclético**. Porto Alegre: PROPAR-UFRGS, 2002.

PIMENTEL, Fortunato. **Aspectos Gerais da cidade de Pelotas**. Porto Alegre: Tipografia Gundlach, 1940.

SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **Eclétismo na fronteira meridional do Brasil: 1870-1931**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo – Área de Conservação e Restauro), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

Notas

* O presente artigo foi aceito para apresentação no VII Congresso Brasileiro de História da Educação.

** Doutora em Educação, linha de pesquisa Filosofia e História da Educação na UFPel. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – *Campus* Osório, na área de História. E-mails: <martiarena.augusta@gmail.com> e <augusta.martiarena@osorio.ifrs.edu.br>.

*** Doutora em Educação na UFGRS. Professora adjunta da Universidade Federal de Pelotas. Atua no Programa de Pós-Graduação em Educação. E-mail: <gianalangedoamaral@gmail.com>.

¹ Provavelmente a construção em madeira servisse para armazenar produtos necessários para as atividades acadêmicas.

² A fotografia é levemente assimétrica, apresentando-se um pouco da fachada lateral esquerda do prédio, que é mais simples que a principal, o que pode ser percebido pela ausência de ornamentos sobre a janela. Além disso, algumas pessoas foram retratadas na fotografia, o que pode ter sido uma coincidência, pois aparentemente os transeuntes não fazem parte da trama narrativa da imagem. Por outro lado, os pedestres que ali se encontravam podem ter sido utilizados como referência para demonstrar a grandiosidade da construção. Além disso, frente ao prédio, percebe-se a rua, de paralelepípedos.

³ Mesclam o estilo jônico e o coríntio.

⁴ Ao centro da figura consta uma mesa sobre a qual se encontram vários equipamentos laboratoriais. Verifica-se, ainda, a presença de uma coluna, que possivelmente se tratasse de uma tubulação para gás. É possível que, ao lado dessas prateleiras, tivesse um Bico de Bunsen, no entanto, a baixa qualidade da imagem não possibilita essa afirmação. Ao confirmar essa hipótese, seria seguro dizer que a coluna realmente se refere a uma tubulação de gás. Pela disposição que os instrumentos e alguns frascos de reagentes ou o laboratório foi utilizado antes da fotografia ou tratava-se de um desordenamento criado, para demonstrar o constante uso do laboratório. Ressalta-se, ainda, que a fotografia retrata um grande número de reagentes presentes nas instalações, tendo em vista que o grande armário ao fundo, em cor clara, provavelmente de madeira, encontrava-se totalmente ocupado por frascos desses. Esse grande número de reagentes pode representar o fato de a Escola estar capacitada para que os alunos promovessem vários experimentos, bem como afirmar que a instituição podia realmente realizar as análises laboratoriais que costumeiramente fazia e as quais auxiliavam no seu custeio.

